



Boneca Abayomi: entre a romantização, a (des)legitimação e a confecção no contexto educacional brasileiro

Maristela Rodrigues Lima (PPGFPI/UPE - lima.maristela250@gmail.com)¹
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4322-9740>

Resumo: O presente artigo é resultado da inquietação acerca da origem da boneca Abayomi, uma vez que apresentamos a importância da abordagem dual da sua história, sem desmerecer ou sobrepor uma à outra. Diante dessa perspectiva, dedicamos ao contexto da educação básica, buscando refletir como a exposição e confecção da boneca colabora para efetivar a lei nº 10.639/03. Tendo por objetivo: Compreender a origem e disseminação da história da boneca Abayomi. Nesse sentido, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, na qual desenvolvemos este artigo a partir das produções acadêmicas que se dedicaram a compreender a boneca Abayomi, como também os subtemas que rodeiam o nosso objeto. Portanto, compreendemos a relevância da boneca Abayomi para reafirmar a contribuição da população africana e afrodescendente para a formação do Brasil, como também representa um recurso pedagógico essencial para desenvolver temas de suma relevância no contexto educacional brasileiro.

Palavras-chave: Boneca Abayomi, Origem, Formação brasileira, Afrodescendentes, Educação Básica.

Abayomi doll: between romanticization, (de)legitimization and making in the Brazilian educational context

Abstract: This article arises from an inquiry into the origin of the Abayomi doll, highlighting the importance of addressing its history from a dual perspective without diminishing or overshadowing either version. From this standpoint, the study focuses on the context of basic education, reflecting on how the presentation and making of the doll contribute to the implementation of Law No. 10,639/03. With the objective of understanding the origin and dissemination of the Abayomi doll's story, the methodology employed was bibliographic research, based on academic works that explore both the doll and related themes. Thus, the relevance of the Abayomi doll is recognized not only for reaffirming the contribution of the African and Afro-descendant population to Brazil's formation but also as a fundamental pedagogical resource for developing essential themes within the Brazilian educational context.

Keywords: Abayomi Doll, Origin, Brazilian training, Afro-descendants, Basic Education.

Muñeca Abayomi: entre romantización, (des)legitimación y hacer en el contexto educativo brasileño

Resumen: Este artículo surge de la inquietud en torno al origen de la muñeca Abayomi, destacando la importancia de abordar su historia desde una perspectiva dual, sin desmerecer ni sobreponer una versión sobre la otra. Desde esta perspectiva, el estudio se enfoca en el contexto de la educación básica, reflexionando sobre cómo la presentación y confección de la muñeca contribuyen a la implementación de la Ley N.º 10.639/03. Con el objetivo de comprender el origen y la difusión de la historia de la muñeca Abayomi, se utilizó como metodología la investigación bibliográfica, basada en producciones académicas que abordan tanto la muñeca como los temas relacionados. De este modo, se reconoce la relevancia de la muñeca Abayomi no solo por reafirmar la contribución de la población africana y afrodescendiente en la formación de Brasil, sino también como un recurso pedagógico fundamental para desarrollar temas esenciales en el contexto educativo brasileño.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI-UPE).



Palabras clave: Muñeca Abayomi, Origen, formação brasileira, afrodescendentes, Educação Básica.

Introdução

O presente artigo surge de uma inquietação pessoal acerca da origem da boneca Abayomi. Inicialmente, essa narrativa foi apresentada como uma criação das mulheres negras trazidas ao Brasil na condição de escravizadas e, naquele momento, não foram levantados questionamentos sobre os possíveis percalços dessa versão. Contudo, ao aprofundar a reflexão sobre essa expressão artística afrodescendente, encontramos outra narrativa: a da artesã, bonequeira e mulher negra Lena Martins.

Este estudo não busca deslegitimar uma narrativa em detrimento da outra, mas demonstrar como a boneca Abayomi pode servir como ferramenta para refletir sobre a formação da sociedade brasileira, a partir de ambas as versões. Além disso, destacamos a importância de sua divulgação e confecção no contexto da educação básica, considerando que a educação brasileira visa à formação cidadã e à promoção da igualdade, princípios que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) busca assegurar. Assim, vemos na boneca Abayomi um caminho pedagógico potente para alcançar tais objetivos.

Para tanto, temos como objetivo compreender e discutir a origem e a disseminação da história da boneca Abayomi. Desse modo, a metodologia adotada corresponde à pesquisa bibliográfica, uma vez que nos fundamentamos em produções acadêmicas acerca dessa temática, nas quais foi observada a existência de poucos estudos específicos sobre a boneca Abayomi.

Nesse sentido, o artigo foi desenvolvido em três momentos, intitulados respectivamente: *Boneca Abayomi: versões que contam a sua origem*; *Confecção da Abayomi: identidade, representação e cultura no contexto do ensino básico brasileiro*; e, *O que aprendemos com a boneca Abayomi?*.

No primeiro momento, apresentamos a dualidade presente na origem da boneca Abayomi: primeiramente, como criação de mulheres escravizadas para o acalento dos filhos; em segundo lugar, como criação de Lena Martins, ressaltando a importância de ambas as versões, uma vez que elas denotam aspectos de nossa formação social.

No segundo momento, refletimos sobre a importância de experienciar a confecção e as diferentes versões da boneca Abayomi no contexto da educação básica, visto que isso representa um caminho para a efetivação da Lei nº 10.639/03, bem como para reforçar o Dia da Consciência Negra e a relevância de torná-lo feriado, conforme previsto na Lei nº



14.759/23.

Por fim, o terceiro momento enfatiza os temas relevantes que emergem a partir da vivência da história e da confecção da boneca em sala de aula.

Em síntese, o presente artigo aborda a discussão acerca da romantização, (des)legitimação e confecção da boneca Abayomi no contexto educacional brasileiro, fundamentando-se na reflexão sobre a dualidade de sua origem e na relevância de conferir legitimidade à sua criadora, Lena Martins.

Ademais, evidencia-se que a confecção da boneca configura-se como um método pedagógico eficaz para experienciar e analisar a contribuição fundamental da população afro-brasileira na formação da sociedade brasileira, constituindo-se em recurso didático indispensável para o desenvolvimento e vivência no âmbito do ensino básico.

Boneca Abayomi: versões que contam a sua origem

Diante das diversas narrativas que envolvem a boneca Abayomi, inicia-se a análise destacando aquela que, por séculos, marcou a história da formação brasileira: o processo escravocrata, responsável por enraizar desigualdades que persistem até os dias atuais. Nesse contexto, a boneca Abayomi revela-se um importante símbolo, pois sua origem remete diretamente à experiência da escravidão no Brasil, permitindo uma reflexão profunda sobre esse período histórico.

A primeira versão que nos chega refere-se a uma boneca criada para servir de consolo às crianças trazidas da África para o Brasil na condição de escravizadas. Essas bonecas eram confeccionadas por suas mães, que compartilhavam com elas esse triste destino, utilizando como material as suas saias.

Refletir sobre essa narrativa implica também compreender os motivos pelos quais essa história foi amplamente aceita pela população, a ponto de haver poucos questionamentos mais aprofundados sobre ela. Diante de uma narrativa tão romantizada, o afeto entre mãe e filho é ressaltado, evidenciando a maternidade e o triste destino após a chegada aos portos brasileiros, já que essa boneca representaria a única lembrança, e talvez a esperança de um reencontro futuro.

Nesse sentido, retomamos, de forma sucinta, a compreensão do processo de escravidão no Brasil, com ênfase no navio negreiro, espaço onde se difundiu a origem da boneca Abayomi. Para embasar essa reflexão, as contribuições de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling (2018), na obra *Brasil: uma biografia*, mostram-se imprescindíveis.



Inicialmente, buscamos distinguir a escravidão das diversas outras formas de trabalho compulsório ao longo da história, uma vez que ela representa, ao menos na tentativa, o rompimento das raízes, dos direitos e dos vínculos com a comunidade (Schwarcz; Starling, 2018, p. 79).

É importante destacar que o processo da escravidão tinha início ainda na África, no momento em que os cativos eram capturados pelos traficantes e encaminhados aos portos, onde aguardavam o preenchimento da carga para serem embarcados ao país de destino. Essa espera, que podia se estender por meses, resultava em inúmeras mortes devido às condições insalubres. Os navios negreiros (ou tumbeiros) representavam o próximo ambiente no qual os cativos precisavam sobreviver até a chegada ao Brasil (Schwarcz; Starling, 2018, p. 82-83).

Os navios negreiros eram a morada dos africanos por longos períodos, visto que muitos não chegavam ao seu destino como escravizados, sendo vitimados por doenças ou suicídio. Contudo, esses espaços também foram palco de trocas culturais e da construção de laços de lealdade entre os cativos (Schwarcz; Starling, 2018, p. 84-85).

Foi justamente nesse contexto que a narrativa da boneca Abayomi ganhou relevância, representando a vivência entre mãe e filho durante os longos dias em alto mar, quando o futuro era incerto, e essa boneca surgia como um símbolo de conforto e esperança diante daquele cenário adverso.

Entretanto, em contraponto a essa narrativa, observamos a dimensão da sexualidade dos cativos, conforme exposto por Schwarcz e Starling (2018, p. 85-90). Os homens correspondiam a cerca de 65% das importações, devido à valorização de sua força física, enquanto as mulheres representavam entre 20% e 30%, e as crianças menores de quatorze anos constituíam apenas de 2% a 6%. A baixa proporção de crianças escravizadas pode ser explicada pela alta mortalidade infantil, baixa fecundidade e pelo fato de que essas “mercadorias” eram consideradas pouco lucrativas.

Diante desses dados sobre o navio negreiro e o tráfico de pessoas segmentado pelo sexo, evidencia-se a disparidade existente entre mães e seus possíveis filhos. Assim, compreendemos que é importante divulgar a versão da boneca Abayomi como um símbolo de acalento para as crianças escravizadas, de modo a não esquecer as mazelas impostas à população africana e afrodescendente que ajudou a formar o nosso país. Contudo, é igualmente imprescindível ressaltar que esse relato configura-se como um mito, uma vez que não há registros escritos ou vestígios que o fundamentem historicamente.



Assim, compreendemos por que a versão romantizada da boneca Abayomi foi amplamente difundida e aceita em nossa sociedade, uma vez que o estudo da realidade dos navios negreiros revela as condições desumanas enfrentadas por uma população que, forçadamente arrancada de sua terra, era tratada como mercadoria em um território distante e alheio ao seu.

Nesse contexto, reforçamos a importância de estabelecer um paralelo ao abordar a boneca Abayomi, reconhecendo sua criadora, Lena Martins, artesã, bonequeira e afrodescendente. Destacar o contexto de criação da boneca, bem como a intenção de sua idealizadora, é fundamental para valorizar a cultura afro-brasileira e evidenciar os meios de resistência cultural por ela promovidos, pois

Renovando sua herança em ofício, em rearticulações do que já foi vivido, como acontece ao longo da história de inúmeras mulheres, afrodescendentes, artesãs, bonequeiras, Lena traduz em trabalho e em sua vida a dispersão de povos que pelo mundo foram retalhando, refazendo, recriando suas existências, seus saberes (Silva, 2008, p. 36).

Ou seja, Lena Martins expressa, por meio de suas bonecas, sua realidade e suas inquietações. Sua criação, datada de 1988, coincide com o processo de redemocratização do Brasil, bem como com as comemorações do centenário da abolição da escravidão. Dessa forma, a confecção de uma boneca de retalhos, negra e feita com materiais reutilizáveis, reafirma os processos históricos de resistência da população negra na sociedade brasileira, evidenciando os mecanismos de luta ainda vigentes.

Desse modo, o caráter artesanal de suas produções revela-se imprescindível, conduzindo-nos às reflexões apresentadas por Jancileide Santos (2022, p. 189):

A marginalização do trabalho criativo e a ausência de reconhecimento do trabalho de artesãs na história da arte e no sistema das artes têm estreita relação com as questões étnico-raciais, de classe social, de gênero, geração e território, uma vez que essas mulheres, em sua maioria negras, sofrem os efeitos históricos do colonialismo do poder, da dominação capitalista, patriarcal e racista.

Em consonância com a autora, compreendemos que enfatizar exclusivamente a versão da boneca enquanto criação das mulheres negras escravizadas, desconsiderando sua criadora Lena Martins, é reforçar os efeitos históricos previamente mencionados. Não se trata apenas de uma reparação histórica, mas de atribuir, legitimar e valorizar as criações de mulheres negras, afrodescendentes e vivas em nosso território. Tal reconhecimento



contribui para a valorização das suas expressões artísticas e, conseqüentemente, para a reafirmação da identidade e da formação social brasileira.

Nessa perspectiva, confrontamo-nos com dois conceitos entrelaçados: memória e identidade. Segundo Pollak (p. 205), “[...] a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. Para tanto, os mecanismos de esquecimento, subalternização e desvalorização atuam de maneira impositiva na construção da memória e identidade brasileiras. Tal constatação evidencia a parcialidade desses conceitos ao analisarmos as marginalizações sofridas por determinados grupos sociais em detrimento de outros.

Diante dessa constatação e dessa consciência, torna-se possível revisar ações e atitudes, bem como contribuir para legitimar as realizações de pessoas historicamente marginalizadas pelos mecanismos de poder que permeiam as construções de memória e identidade. Nesse sentido, voltamos nosso olhar para a boneca Abayomi e para Lena Martins.

Nesse sentido, Carolina Santos (2019, p. 7) destaca que a ausência de uma documentação escrita sobre a boneca Abayomi, bem como sobre a Cooperativa Abayomi, contribuiu para a disseminação do mito acerca da origem da boneca. Contudo, diante das novas fontes históricas, influenciadas pela Escola dos Annales, que incentivam uma abordagem mais ampla, compreendemos que “Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre a fonte escrita e a fonte oral” (Pollak, 1992, p. 207). Assim, o conjunto de fontes se ampliou, incluindo não apenas a oralidade, mas também o esforço da própria Lena Martins em divulgar seu trabalho e sua criação por meio de diferentes canais midiáticos, o que contribui para legitimar sua autoria.

Diante dos desafios para reconhecer e legitimar a criadora da boneca Abayomi, o conceito de epistemicídio torna-se pertinente, referindo-se ao “[...] apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos” (Ribeiro, 2019). Reduzir a história da boneca Abayomi exclusivamente ao tráfico negreiro é deslegitimar as contribuições de Lena Martins à nossa história, perpetuando a subalternização de mulheres, artesãs e negras.

Portanto, nesse contexto de dualidade na origem da boneca Abayomi, reforçamos que “as narrativas da criação das bonecas não se sobrepõem, tampouco uma anula a importância da outra. No cerne dessas narrativas estão a necessidade de reafirmar a



identidade negra e a de desenvolver afetos” (Quintiliano, 2023, p. 110-111). Assim, não se trata de uma disputa entre narrativas, mas da valorização e divulgação de ambas, pois revelam a nossa história enquanto povo miscigenado, com raízes africanas inegáveis e profundamente enriquecedoras para o Brasil.

Confecção da Abayomi: identidade, representação e cultura no contexto do ensino básico brasileiro

Dedicamo-nos a apresentar a contribuição da confecção da boneca Abayomi e sua história no contexto da formação estudantil, considerando que a sala de aula configura-se como um espaço plural, onde diferentes pessoas, religiões, culturas e etnias se entrecruzam, representando um exemplo concreto da nossa miscigenação, visto que cada estudante personifica o encontro de diferentes povos.

Portanto, levar a história da boneca Abayomi e proporcionar aos estudantes a oportunidade de confeccioná-la é valorizar um povo que tanto contribuiu e continua contribuindo para a nossa sociedade: os povos africanos e afrodescendentes.

Nesse sentido, abordar a boneca Abayomi é incentivar sua construção, vivenciar coletivamente sua confecção e compartilhar momentos afetivos, além de conhecimentos fundamentais acerca da formação da nossa sociedade. Dessa forma, trata-se de um caminho indispensável para conduzir os estudantes da educação básica brasileira à reflexão sobre o nosso território e a contribuição das sociedades africanas para a sua estruturação.

Para tanto, inserir a boneca Abayomi no ambiente escolar contribui para a reparação histórica em relação a um grupo que, por longo tempo, foi marginalizado em nossa sociedade: os africanos e afrodescendentes. Tal ação colabora para a desconstrução da estrutura racista e valoriza a multiculturalidade presente em nosso território, além de efetivar a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Ao refletirmos sobre essa legislação, destacamos a contribuição de Cláudia Campos (2024, p. 27), que ressalta a necessidade de existir uma lei que imponha a valorização da cultura afro-brasileira, evidenciando o racismo estrutural presente em nossa sociedade. Conforme a autora, “é importante frisar que, se nas salas de aula fosse natural tratar da história e da cultura afro-brasileira com dignidade, resgate e significação, esta lei não precisaria existir” (Campos, 2024, p. 27).



Diante do contexto legislativo que reconhece e promove a discussão sobre a contribuição da população afrodescendente na construção e formação da sociedade brasileira, destacamos a relevância da Lei nº 14.759/2023, que institui o dia da Consciência Negra (20 de novembro) como feriado nacional. Essas duas legislações evidenciam a importância dos afrodescendentes na nossa formação social, não se tratando apenas de uma lei, uma data ou um feriado, mas sim de valorizar a contribuição dos negros para a sociedade brasileira, reconhecendo suas lutas e resistências para sobreviver e prosperar no território nacional.

Nesse sentido, ao refletir sobre a Lei nº 10.639/03, que aborda a perspectiva afro-brasileira no contexto escolar, somos conduzidos à desconstrução de um ensino historicamente fundamentado na visão do colonizador, que por muito tempo privilegiou um olhar homogêneo, androcentrista e eurocêntrico. Essa lei promove o reconhecimento das diversas contribuições dos diferentes povos que formaram o Brasil, com ênfase especial aos povos afrodescendentes.

A boneca Abayomi é considerada uma importante ferramenta para a efetivação da legislação educacional e para a valorização da cultura e diversidade brasileiras. Conforme destaca Campos (2024, p. 27-28): “Por meio dessa boneca, revela-se a forte identidade dos negros em nosso país, pois ela retrata a história, a luta e a força desse povo. A boneca possibilita a fala e a escuta para fortalecer o papel do negro na sociedade brasileira.” Assim, ao proporcionar aos estudantes a vivência da história e da confecção da boneca Abayomi, o professor promove uma educação pautada na igualdade e contribui para desmistificar as estruturas hierárquicas raciais que, historicamente, resultaram na subalternização de toda uma nação.

Nesse sentido, a boneca Abayomi assume um papel fundamental, pois representa a luta de uma mulher negra que a criou no contexto da redemocratização brasileira, logo após 21 anos de ditadura militar. Portanto, vivenciar a Abayomi é experimentar suas duas versões de origem: evidenciar a formação da sociedade brasileira a partir da migração forçada dos africanos, e valorizar a criação de uma mulher negra, ressaltando a importância da representatividade. De acordo com Campos (2024, p. 43), “as bonecas Abayomis, enquanto dispositivo pedagógico, permitem abordar a representatividade e a resistência dos descendentes de povos escravizados.”

Ao adotar a boneca Abayomi como recurso pedagógico, o(a) professor(a) possibilita aos estudantes compreender as significativas contribuições da população negra para a



formação do Brasil, ao apresentar suas narrativas de origem: tanto a invenção das mulheres africanas escravizadas, que confeccionavam as bonecas para seus filhos, quanto a criação de Lena Martins, mulher negra e artesã contemporânea. Ressalta-se a importância de abordar essas duas perspectivas, pois tal abordagem enriquece o processo reflexivo, permitindo compreender tanto as contribuições africanas históricas quanto a resistência expressa por uma mulher negra por meio da criação artística na atualidade.

Cada etapa da confecção da boneca — cada tira de retalho, cada nó orientado pelo(a) professor(a) — proporciona ao estudante uma memória afetiva, constituindo um momento lúdico e representativo. Ao contextualizar historicamente a origem da boneca e a intenção de sua criadora, Lena Martins, abre-se espaço para que o estudante reavalie as criações artísticas e reconheça a importância da população negra na formação social do país. A boneca Abayomi, portanto, fortalece a identidade e a representatividade, e vivenciá-la no ambiente escolar torna o aprendizado significativo, contribuindo para discussões contemporâneas relevantes, como a do racismo estrutural.

Em suma, uma aula que contempla a boneca Abayomi aborda o processo da diáspora africana para o Brasil, destacando a resistência e a sobrevivência dessa população em um novo território, bem como a experiência singular de Lena Martins, que na década de 1980 criou uma boneca preta a partir de retalhos, reafirmando sua identidade e suas inquietações naquele contexto. Essa boneca não apenas reforça processos identitários, mas também representa os estudantes em formação, estimulando sua capacidade crítica para compreender o contexto social em que vivem. Por essas razões, a boneca Abayomi configura-se como uma temática imprescindível e pertinente no ambiente escolar contemporâneo, desde a educação infantil até o ensino médio.

O que aprendemos com a boneca Abayomi?

A boneca Abayomi evidencia temas relevantes e essenciais para a formação de uma sociedade crítica, uma vez que questões como racismo, artesanato, população negra, mulheres negras e tráfico negreiro emergem ao compreendermos a representatividade dessa boneca na contemporaneidade.

Discutir e refletir sobre sua criação, a dualidade de sua origem e seu processo de confecção constitui um caminho para compreender a formação brasileira e a inegável contribuição dos africanos e afrodescendentes nesse contexto. Portanto, não se trata



apenas de apresentar uma boneca artesanal, mas de entender os mecanismos do trabalho forçado e da diáspora imposta à população africana, bem como as intenções de Lena Martins, criadora da boneca, ao desenvolver um objeto que dispensasse cola e costura, utilizando retalhos de tecidos que, de outra forma, seriam descartados.

A boneca Abayomi representa a negritude no Brasil, e sua confecção nas escolas da educação básica contribui para desconstruir hierarquias raciais ainda presentes nesse ambiente. Dessa forma, colabora para um ensino e uma convivência pautados na igualdade, além de auxiliar na prevenção de casos de racismo e na promoção da autoestima de estudantes em razão da cor de sua pele. Essa boneca também promove a conscientização acerca da formação do Brasil enquanto um país formado por múltiplas etnias, culturas e religiões, destacando a importância do respeito e da tolerância como valores fundamentais.

Considerações finais

A boneca Abayomi evidencia a riqueza e a contribuição dos africanos e afrodescendentes para a formação social do Brasil. A dualidade em sua origem reforça as marcas das resistências deixadas e vivenciadas pela população negra em nosso território, as quais foram fundamentais para constituirmos quem somos hoje. Compreender essas duas origens destaca a importância de não deixar esquecida uma nação que, de forma forçada, veio formar o Brasil, assim como evidencia as formas de resistência e sobrevivência de uma mulher negra na contemporaneidade.

Nesse sentido, ao considerarmos o contexto do ensino básico brasileiro, é inegável que a sala de aula constitui um espaço rico em experiências diversas e realidades plurais. Vivenciar a boneca Abayomi nesse ambiente significa fortalecer o contexto formativo da nossa sociedade, aproximando-se das subjetividades originadas em suas narrativas, bem como efetivar a lei nº 10.639/03, valorizando a cultura afro-brasileira que é intrínseca ao Brasil e à nossa identidade.

Assim, compreendemos a boneca Abayomi como um importante instrumento para fortalecer a identidade e a representação negra no espaço escolar, colaborando, por meio de uma atividade lúdica, para a reflexão sobre a realidade da população negra no Brasil.



Referências

CAMPOS, Cláudia Adriana de Souza. 2024. *A Boneca Abayomi: uma brincadeira que desperta o empoderamento das crianças*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade do Rio Grande do Sul.

LEI FEDERAL Nº 10.639, 2003.

LEI FEDERAL Nº 14.759, 2023

POLLAK, Michael. 1992. “Memória e identidade social”. *Revista estudos históricos*, 5(10), p. 200-215.

QUINTILIANO, Marta. 2023. “As feitura das bonecas Abayomi como uma educação transgressora”. *Revista Ñanduty*, 11(18), 108–121. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/nty.v11i18.17891> . Acesso em: 23 jan. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Caroline Lima dos. 2019. *Narrativas que cruzam o Atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras*. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SANTOS, Jancileide Souza dos. 2022. “Arte popular, artesanato, gênero e relações raciais: o lugar da arte das mulheres negras”. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, 6 (3), p. 187–207, Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8670725>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. 2018. *Brasil: uma biografia*. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras.

SILVA, Sonia Maria da. 2008. *Experiência abayomi cotidianos: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal Fluminense.